

Avaliação das habilidades de leitura e o ensino de língua: perspectivas da pesquisa no âmbito do Prodocência

Robson Santos de CARVALHO¹
Pós-Graduação-Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
robson.carvalho@unifal-mg.edu.br

Resumo: A avaliação diagnóstica de habilidades de leitura tem tomado grande espaço na cena educacional brasileira dos últimos anos. Em Minas Gerais, especialmente desde o início dos anos 2000, desenvolveu-se um conjunto de políticas voltadas para a aplicação de avaliações sistêmicas para os alunos das escolas públicas em fechamento de ciclo, o SIMAVE – Sistema Mineiro da Avaliação da Educação. No intuito de compreender a distância que se observa entre as propostas governamentais e a prática pedagógica nas escolas da educação básica, foi proposto no âmbito do Prodocência – Programa de Consolidação das Licenciaturas, na Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, um grupo de pesquisa de iniciação científica. Esse grupo de alunos do curso de Letras busca investigar atividades avaliativas de leitura e de redação, no ensino fundamental (EJA) e médio, com intuito de verificar a relação entre as práticas escolares e algumas das teorias mais recentes deste campo de investigação.

Palavras-chave: avaliação diagnóstica; habilidades; competências; leitura; produção textual.

1. Introdução:

O Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência é uma iniciativa da CAPES e visa contribuir para elevar a qualidade dos cursos de licenciatura, por meio de fomento a projetos institucionais, valorizando, desse modo, a formação docente em nível superior.

A UNIFAL-MG, atendendo ao edital 028/2010 – Capes, submeteu proposta que foi aprovada. Nosso trabalho busca valorizar experiências metodológicas e práticas docentes de caráter inovador e concentra sete subprojetos de cooperação que tem elevado a qualidade da formação dos futuros docentes, integrando a educação superior com a educação básica.

O programa, financiado pela Capes, possibilitou a realização 14 minicursos e 14 oficinas para os licenciandos da UNIFAL-MG e para professores da Educação Básica, de fevereiro/2011 a agosto/2011. As áreas temáticas abordadas são: “Estudos de Currículo”, “Inclusão e Diversidade”, “Gêneros Textuais”, “Avaliação da Aprendizagem na Educação Básica”, “Alfabetização e Letramento”, “Língua, Literatura e Cultura Hispânicas”, e “Novas Tecnologias Aplicadas à Educação”. Tais ações serão supervisionadas por professores do Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL.

Além dos cursos e oficinas, iniciou-se em agosto/2011 o I Ciclo de Estudos e Pesquisas do Prodocência – UNIFAL-MG, no qual foram selecionados 40 alunos que desenvolvem 32 projetos de iniciação científica voluntária, distribuídos pelas sete áreas temáticas do programa.

¹Professor Assistente do Departamento de Letras do Instituto de Ciência Humanas e Letras – ICHL da Universidade Federal de Alfenas – Unifal-MG, coordenador institucional do Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência/Capes; e Doutorando em Linguística pela UFMG.

No presente trabalho, serão discutidas ações de pesquisa desenvolvidas por 05 (cinco) alunas do curso de Letras, nas temáticas de “Avaliação da Aprendizagem na Educação Básica” e de “Alfabetização e Letramento”.

Nos últimos anos, especialmente a partir da década de 1990, a proficiência em leitura de alunos da educação básica tem sido alvo das avaliações externas sistêmicas, patrocinadas pelos governos. Tais avaliações acabaram ganhando espaço nas pesquisas acadêmico-científicas que apontam tanto os benefícios desses sistemas avaliativos quanto as consequências supostamente danosas que eles poderiam acarretar à educação.

Independentemente do viés que se tome, é inegável que as avaliações de proficiência em leitura têm a finalidade de aferir competências e oferecer ao professor os resultados da medição. Nas pesquisas que desenvolvemos no âmbito do Prodocência, na UNIFAL-MG, interessam-nos especialmente os dados do Estado de Minas Gerais relativos ao SIMAVE (Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública), e ao PROALFA (Programa de Avaliação da Alfabetização).

A partir das Matrizes de Referências de Habilidades desses sistemas, foram desenvolvidas atividades de ensino e de avaliação de leitura, em cidades do sul de Minas. Tais ações foram tomadas como objeto de estudo pelas alunas de graduação em Letras, com vistas a descobrir, por meio da análise do desempenho dos estudantes do ensino fundamental ou médio, se os professores valorizam a aquisição, o desenvolvimento e a consolidação das habilidades de leitura para a construção da competência linguística (leitora e escritora).

A hipótese de que os professores da educação básica não privilegiam em suas aulas (atividades e avaliações) o desenvolvimento das habilidades de leitura parece ser sustentada pelos estudos em andamento que identificaram, por exemplo, muitos alunos do 1º e 2º anos do ensino médio com grau de proficiência escrita bem abaixo do que seria esperado de um aluno com tal escolarização. Reforça essa tese a análise de outro estudo sobre o fraco desempenho em leitura de alunos avaliados por atividades desenvolvidas pelos próprios professores com base na Matriz de Referência, após um curso de formação continuada de 40h sobre o assunto. A possibilidade de desenvolvimento de trabalho pedagógico eficaz fica evidente a partir de outra pesquisa baseada nos relatos escritos de uma professora alfabetizadora, no trabalho desenvolvido na EJA, tendo como suporte a música.

2. Referencial teórico:

Pesquisar o desempenho de alunos em atividades de leitura e de produção de textos escolares, tanto no ensino fundamental quanto no médio ou na EJA, supõe adotar alguns conceitos-chave que ajudam a explicar e compreender os fenômenos em foco.

O conceito de avaliação é um desses que se faz fundamental no bojo dos projetos ora analisados e, como Castillo Arredondo e Diago (2009) alertam, é difícil precisar uma abordagem única:

O conceito de avaliação não é uniforme, e bem poderia ser considerado como a soma de muitos fatores diversos e, às vezes, diferentes entre si, que pretendem configurar um elemento ou conceito comum. É por isso que tentar definir o conceito de avaliação não é fácil, fato pelo qual podemos encontrar diversas definições e de todas elas poderíamos extrair algum elemento válido para chegar a uma definição que resultasse completa e operativa, levando em conta ao fazê-lo, as diversas conotações que o termo avaliação adquire. (p.33)

Obviamente, como dizem os autores, a avaliação não se restringe à verificação das aprendizagens, mas também abrange outros aspectos tais como a capacidade cognitiva, elementos afetivos e comportamentais, além de outros de caráter pedagógico: métodos e

técnicas de ensino, interação professor-aluno, dentre outros (Castillo Arredondo e Diago, 2009).

Os Projetos de Iniciação Científica (doravante PIC) a que se refere esta comunicação, porém, restringem-se ao conceito de avaliação da aprendizagem, mais especificamente à avaliação de habilidades de leitura. Tal perspectiva nega o modelo tradicional de avaliação, presente nas escolas desde muito tempo, tal como elucidam Castillo Arredondo e Diago (2009):

a avaliação em educação vem sendo aplicada quase exclusivamente ao rendimento de alunos e mais especificamente aos conhecimentos adquiridos. Foi a partir da década de 1970 que a avaliação se estendeu, em nosso país, ao sistema operacional: os programas escolares, as escolas, a eficácia dos professores, os materiais didáticos, as técnicas e procedimentos, os hábitos intelectuais dos alunos, o sistema educacional em seu conjunto e até a própria avaliação. (p.52)

No Brasil, é Luckesi (2011) quem trabalha com o conceito de avaliação como ato de investigar (p.150). As propostas analisadas nos PIC partem de avaliações e atividades de leitura como ferramenta investigativa, capaz de apontar tanto o domínio quanto a ausência dele em relação a habilidades de leitura e de produção escrita. Neste sentido, “o ato de avaliar é um ato de investigar, [...] enquanto a ciência estuda como funciona a realidade, a avaliação estuda a sua qualidade” (LUCKESI, 2011:171).

Dentro das noções de avaliação, o conceito de avaliação diagnóstica de habilidades, também será útil, convergindo ao da “*avaliação de acompanhamento de uma ação.*” (LUCKESI, 2011: 172). Os itens da avaliação identificados como de difícil compreensão para os alunos fazem parte do seu percurso na construção da competência leitora. É esse autor quem sustenta que

a primeira coisa a ser feita, para que a avaliação sirva à democratização do ensino, é modificar a sua utilização de classificatória para diagnóstica. Ou seja, a avaliação deverá ser assumida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que ele possa avançar no seu processo de aprendizagem (LUCKESI, 1995: 52).

Já está mais que batido o discurso de que um professor de educação básica não deve contentar-se que seus alunos sejam depositários de um acervo de conhecimento incorporado sem discussão, no dizer de Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido”. Mas, parece não ter surtido efeito o tanto que se propalaram tais ideias haja vista a inércia dos educadores ao manterem as estratégias de ensino e de verificação da aprendizagem vinculadas ao modelo tradicional.

No sentido de combater mais fortemente essa prática pedagógica cristalizada e que não tem contribuído para o desenvolvimento dos alunos, também foram criadas as avaliações de aprendizagem que medem as habilidades. Segundo Carvalho (2011) as habilidades (ou capacidades), presentes nas avaliações externas sistêmicas, podem ser entendidas como

“saber fazer” algo específico. Pode ser uma ação física ou mental, e indica uma capacidade adquirida por alguém. Desse modo, são exemplos de habilidades: analisar, aplicar, avaliar, correlacionar, correr, chutar, identificar, inferir, manipular com destreza, pular, sintetizar etc. (p.59)

Exemplo de tais habilidades encontra-se na Matriz de Referência do SIMAVE-PROEB de Língua Portuguesa para o 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, que apresenta os descritores de habilidades.

A competência, conceito importante para as discussões que aqui se faz, é o somatório de varias habilidades, conforme assegura Carvalho (2011):

O termo competência refere-se a um conjunto de habilidades desenvolvidas harmonicamente, caracterizando uma função específica. Sempre que dizemos “Vou procurar um mecânico, mas tem de ser competente”; ou “...ele é mesmo um advogado competente”, estamos nos referindo a um conjunto de saberes e a várias habilidades que garantem o exercício de uma função. Por isso, a competência é sempre associada a uma função (profissão): ser professor, médico, engenheiro, leitor, pedreiro, administrador... Ela se manifesta na ação. (p.59)

Dessa forma, verificar se o aluno tem a competência leitora, traduzida no bom desempenho na avaliação das habilidades de leitura faz-se proposta das pesquisas analisadas no presente trabalho.

Outro termo que nos interessa em particular é “desvio”, quando se refere ao desempenho dos alunos nas produções escritas. Ferreira (2010), baseada em Bagno e Faraco, define desvio da seguinte maneira:

o desvio linguístico da dita ‘norma-padrão’, que nós, erroneamente, o denominamos de ‘erro’, é comum na escrita dos aprendizes da variante culta da língua materna. Em nosso português brasileiro é tratado como uma praga que precisa ser eliminada, mas na verdade eles são importantes medidores no processo de assimilação da escrita culta do falante nativo. Estes medidores nos expõem as tendências das transformações que ocorrem naturalmente na língua. (FERREIRA, 2010: 1)

Um dos problemas principais no desempenho de estudantes nas produções escritas está na proposição dos temas para “redação”, muitas vezes alheios à realidade do aluno ou não embasados em discussão e textos motivadores, conforme Leal (2005: 58) assevera: “o modo como os aprendizes interagem ancora-se no modo como lhes é solicitado que escrevam.”

A presença de marcas da oralidade nas produções escritas dos alunos é uma evidência do que Lúzio e Rodrigues (2004:1) consideram como inevitável:

vale salientar que no momento da produção do texto o aluno exige mais do seu conhecimento linguístico sobre a norma padrão, ou seja, ‘polícia’-se com mais rigidez, para que não ocorra ‘erro’. A oralidade, por sua vez, que segue outro tipo de norma e forma, vai influenciar na escrita, ou seja, naturalmente vai deixar suas marcas; por isso acreditamos ser importante ‘discutir’ algumas marcas da oralidade na escrita.

Balizam as possíveis relações entre leitura e escrita, a observação de que é necessária a obtenção do hábito da leitura e também de se avaliar a competência linguística dos alunos, manifestadas a partir da coerência e da coesão de seus textos.

Já quando se trata do indivíduo analfabeto, no caso da pesquisa voltada para a utilização da música nos processos de ensino e aprendizagem na EJA, sabe-se que ele não está plenamente inserido na sociedade. Tal afirmação encontra respaldo em diversos estudos sobre letramento e práticas situadas da leitura em sociedade, tais como os de Kleiman (2000, 2003), Rojo (2001) e Soares (2008, 2009). Segundo as autoras, vivemos em um mundo no qual a leitura, escrita, interpretação se fazem cada vez mais presentes e, conseqüentemente, necessárias. E o processo da alfabetização pode não ser tão simples como parece, furtando-se aos aspectos do letramento.

Neste sentido, a alfabetização é considerada um processo complexo, de múltiplos aspectos, que resulta de diversos pontos, dependendo da natureza do fenômeno e do exigido

por este, ou seja, abrangendo direta e interligadamente professores, alunos, o contexto cultural em que estes se encontram, métodos, materiais, as “técnicas pedagógicas” e assim por diante (SOARES, 2009).

Obviamente que o alfabetismo é “um conceito complexo, pois engloba um amplo leque de conhecimentos, habilidades, técnicas, valores, usos sociais, funções e varia histórica e espacialmente.” (SOARES, 2008) Mas o escopo desta pesquisa limita-se ao observado nos relatos escritos da professora alfabetizadora em relação a suas aulas na EJA.

Ainda assim é importante diferenciar a *aquisição*, que seria o ato de adquirir a língua em si, leitura e escrita, o que a alfabetização, em sentido estreito, daria conta. Mas um *desenvolvimento* mais amplo, que seria o ato de aprimorar, descobrir, e assim por diante, seria o letramento (SOARES, 2008). De tal sorte que ambas as dimensões são levadas em conta no PIC analisado no presente trabalho. Ou seja, no dizer de Soares (2009, p.47), o ideal seria alfabetizar letrando, isto é, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Sabe-se que para a alfabetização ser eficaz, para que haja condições para o letramento, e para que jovens e adultos tenham a chance de se transformarem em leitores e escritores competentes é preciso que a escola seja um ambiente favorável a isso, em constante atualização e inovação. Nesse sentido, vale destacar que:

Inovar em educação supõe substituir a velha orientação da educação por outra mais consistente e atualizada, coerente com o tempo e com o mundo em que vivemos. Assim reforça-se a convicção da importância cada vez maior que a escola adquire no contexto social [...] mesmo que isso possa parecer utópico. (CARVALHO, 2011: 58)

Na contramão de tais ideias, a escola tem transformado a escrita em um objeto não social e unicamente escolar. E é preciso salientar que “a escrita é importante porque é importante fora da escola, não o inverso.” (FERREIRO, 2010: 21) Para que o aluno sinta-se a vontade no ambiente escolar, esse ambiente precisa estar próximo dele, ou seja, o que vai ser ensinado precisa ter alguma relação com seu cotidiano. É importante estudar e valorizar o que está ao nosso redor. É nesse contexto que uma proposta de EJA leva a música para sala de aula e busca resultados mais satisfatórios, especialmente porque se espera maior envolvimento dos aprendizes nas atividades propostas. Incorporar a música aos métodos já existentes é, desse modo, uma alternativa para a otimização desses métodos, trabalhando a cultura em sala de aula, promovendo a troca de experiências, trazendo elementos próximos e significativos e, assim, colocando os alunos no centro do processo.

Trabalhando-se com uma perspectiva construtivista, com a vertente psicogenética, preza-se pela produção espontânea, resultando na produção de verdadeiros textos por alunos em fase de alfabetização (SOARES, 2008).

Por isso é preciso “ensinar a leitura, mais especificamente, ensinar as habilidades de leitura, formadoras da competência leitora [o que] requer do professor uma atitude pedagógica que favoreça tais aquisições e desenvolvimento.” (CARVALHO, 2011: 62)

O sucesso das ações pedagógicas dependerá, em boa medida, da otimização dos métodos de alfabetização, entendendo método como “a soma de ações baseada em um conjunto coerente de princípios ou de hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados.” (SOARES, 2008).

Uma explicação para o insucesso dos alunos nas atividades propostas nas aulas de Língua portuguesa é dada por Elizabeth Marcuschi (2001: 141) ao assegurar que a “*avaliação dos conhecimentos em língua portuguesa tem sido, tradicionalmente, identificada com a contagem de desvios gramaticais e ortográficos presentes nos textos e exercícios dos alunos*”.

A constatação da autora remete ainda à formação acadêmica de boa parte dos professores em atuação hoje no Brasil. Nesta pesquisa, pretende-se demonstrar como algumas

ações, em especial aquelas desenvolvidas no âmbito do Prodocência, voltadas para a formação inicial docente, podem consolidar a consciência da necessidade de profissionais mais comprometidos com o desenvolvimento das habilidades necessárias à leitura e à produção de textos, no lugar de privilegiar conteúdos gramaticais isolados e com um fim em si mesmos.

Os dados analisados apontam caminhos para o ensino e para a avaliação em língua portuguesa, à luz das concepções de gênero, textualidade e textualização, apoiando-se em algumas teorias sobre a construção de instrumentos de avaliação.

Nossa tese, reforçada pelos estudos em andamento, mantém que os professores em exercício têm condições para ensinar com foco no desenvolvimento de habilidades, mas que eles dependem de receberem orientação e acompanhamento específicos, seja por intermédio de programas de apoio tal como Prodocência, seja por meio de programas de formação continuada, ou através de uma formação mas sólida na universidade.

3. Contexto de produção das pesquisas de iniciação científica (PIC)

O Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência, da Universidade Federal de Alfenas – Unifal-MG, intitulado *Processos de Formação Interdisciplinar: diálogos entre docência e pesquisa*, e coordenado pelo prof. Robson Santos de Carvalho, apresenta sete áreas temáticas. Tem interesse no presente trabalho as áreas temáticas de “Avaliação da Aprendizagem na Educação Básica” e de “Alfabetização e Letramento”.

Em cada área temática, foram selecionados dois projetos de PIC, totalizando quatro trabalhos, sob a responsabilidade de cinco alunas do 7º período do curso de Letras, também bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). Os trabalhos selecionados estão vinculados ao Grupo de Pesquisa: Literatura, Linguagem e Outros Saberes, na linha de pesquisa *Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa*, da Unifal-MG.

A área de “Avaliação” foram selecionados os trabalhos intitulados *Formação de alunos leitores: análise de desempenho de alunos do ensino médio em avaliações de leitura* (que aqui chamaremos de AVA01) e *Práticas de avaliação da aprendizagem: caminhos e descaminhos* (que aqui chamaremos de AVA02). Na área de “Alfabetização e Letramento” selecionamos os projetos *Marcas da oralidade em produções textuais de alunos do ensino médio: evidências das relações entre alfabetização, letramento e leitura?* (código ALFA3), e *Música nos processos de alfabetização e letramento de jovens e adultos* (ALFA4).

O projeto AVA01 busca avaliar a competência leitora dos alunos de primeiro ano do Ensino Médio, a partir do seu desempenho em uma avaliação de leitura de textos variados.

O corpus desse projeto é composto por uma avaliação diagnóstica de leitura, aplicada em duas turmas de primeiro ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Ismael Brasil Correa, em Alfenas/MG e pelas tabelas e gráficos relativos ao desempenho daqueles alunos. A avaliação da aprendizagem aplicada é interdisciplinar e foi elaborada por professores daquela escola como trabalho final de um curso de capacitação docente.

O foco de AVA01 está na análise do desempenho dos alunos com rendimento igual ou inferior a cinquenta por cento do total da avaliação, composta de vinte itens de habilidades de leitura. A aluna pesquisadora está analisando as habilidades deficitárias por aluno, e verificando se estas são recorrentes em outros alunos e assim sucessivamente.

O que se pretende ali é detectar se as habilidades deficitárias diagnosticadas no rendimento geral da turma correspondem às habilidades não adquiridas pelos alunos e se, no caso em questão, seriam reveladoras da competência leitora construída por tais estudantes.

O projeto AVA02 busca estudar a avaliação da aprendizagem da perspectiva das habilidades de leitura, contrariando a avaliação do conteúdo, praticada nas escolas brasileiras,

e que tradicionalmente é chamada de “prova”. Nessa pesquisa, a aluna pesquisadora procura descrever um modelo de avaliação que seja justa e capaz de aferir o verdadeiro grau de aprendizagem da leitura. Assim, tenta compreender como a avaliação pode cumprir a função de verificar a aquisição de habilidades de leitura, e fornecer parâmetros para uma intervenção pedagógica no ato avaliativo.

O *corpus* de AVA02 é composto por 4 avaliações aplicadas em 105 alunos da 7ª série (8º ano) de uma escola estadual, e pelos gráficos de aproveitamento desses alunos nessas avaliações.

Já o projeto ALFA3 estuda as possíveis relações entre alfabetização, letramento, leitura e produção textual de alguns alunos de Ensino Médio.

O *corpus* de ALFA3 é constituído de 28 produções textuais de alunos de primeiro e segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual Dr. Emílio da Silveira, de Alfenas, MG, produzidas em dezembro de 2011 e janeiro de 2012.

As alunas pesquisadoras (é uma dupla de graduandas) estão analisando a relação entre as práticas de leitura e o (in)sucesso dos alunos na produção escrita escolar, evidenciada por marcas textuais presentes naqueles textos, caracterizadoras da oralidade e que, segundo elas, comprometem a competência na comunicação escrita desses alunos. Consideram fundamental descobrir a natureza das dificuldades textuais dos alunos, presentes nos textos pesquisados, e tentar determinar se são consequência de temas alheios à sua realidade ou se tais alunos ainda não adquiriram as habilidades, na leitura e na escrita, necessárias a tais produções textuais.

Finalmente, o projeto ALFA4 investiga a aplicação de estratégias metodológicas que incorporam a música aos processos de alfabetização e letramento de jovens e adultos, desde músicas presentes no cotidiano dos alunos até os mais diversos estilos musicais.

O *corpus* do estudo ALFA4 constitui-se dos relatos escritos de uma professora sobre a aplicação de atividades em uma classe de Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA). A professora autora dos relatos acredita que a música nos processos de alfabetização e letramento seja uma proposta baseada na flexibilidade pedagógica que deve fundamentar o processo de ensino-aprendizagem.

No trabalho em questão, a aluna pesquisadora busca verificar a eficácia de estratégias pedagógicas inovadoras, cujo propósito é otimizar a aplicação dos métodos existentes, utilizados na EJA. Sua hipótese é que tais estratégias, em especial a utilização da música, proporcionariam um rendimento mais satisfatório dos alunos independentemente do método aplicado pela professora alfabetizadora. A melhora no rendimento dos alunos estaria relacionada ao maior interesse pela alfabetização, despertado através da música. A pesquisadora espera encontrar indícios de que tal prática contribua para que o aluno aprenda melhor tanto habilidades de leitura e escrita quanto conhecimentos culturais, sociais.

4. Análise dos dados:

4.1 O projeto AVA01

No Projeto *Formação de alunos leitores: análise de desempenho de alunos do ensino médio em avaliações de leitura* (AVA01) analisa-se uma avaliação de leitura aplicada a duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Ismael Brasil Correa, da Cidade de Alfenas, no ano de 2007. A avaliação aplicada tem caráter interdisciplinar e foi elaborada por vários professores da escola e foi uma tarefa conclusiva de um curso de capacitação docente frequentado por esses professores.

Constituem ainda os dados desta pesquisa, o relatório de resultados em que se pode visualizar o desempenho dos alunos organizado em tabelas e gráficos estatísticos, indicando o aproveitamento geral das duas turmas, o de cada turma separadamente e, por conseguinte, de

cada aluno individualmente. Os resultados individuais de cada aluno são visíveis também questão a questão, facilitando o trabalho de coleta e análise dos registros. Desse modo, tem-se acesso aos alunos de melhor desempenho, de um lado e daqueles de desempenho mais baixo, de outro.

Os professores da Escola Estadual Ismael Brasil Correa fizeram um curso de capacitação voltado para construção de itens de avaliação diagnóstica de leitura, com o propósito de criar estratégias pedagógicas capazes de tornar seus alunos leitores competentes. Durante o curso, que não é o objeto da pesquisa, os professores realizaram diversas oficinas em que discutiam a matriz de referência de habilidades e construíaam itens de avaliação de leitura. O trabalho final desse curso foi a elaboração de uma avaliação interdisciplinar para ser aplicada aos sessenta e três alunos de duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio. Essa avaliação, produzida pelos professores e aplicada nos seus alunos é o foco da pesquisa em AVA01.

A partir dos dados gerais das duas turmas, foram selecionados para análise pela aluna pesquisadora aqueles relativos aos alunos que tiveram desempenho abaixo de cinquenta por cento. O objetivo é investigar cada habilidade que o aluno não demonstrou domínio. Posteriormente, essas habilidades, questão por questão, são comparadas com os outros alunos com desempenho abaixo de cinquenta por cento.

Desse forma, espera-se encontrar elementos para testar se os itens que um aluno errou se repetem nos outros e assim aludirmos às razões pelas quais esse fenômeno ocorre.

A título de ilustração, os elementos gráficos a seguir, demonstram como os dados foram constituídos. A figura 1, abaixo, mostra um item da avaliação aplicada, cujo desempenho da média da escola foi abaixo de 50%:

<p>D3 16) Nos versos:</p> <p><i>"Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente".</i></p> <p>A partir da leitura desses versos podemos concluir que ele trata de:</p> <p>a) () doenças trazidas pelos portugueses. b) () imagens de rostos tristes e doentes. c) () imagens de um índio feio e doente. d) () vaidade, ambição e carência.</p>
--

Figura 1: Item de inferência.

O item da figura 1, acima, é da habilidade de inferência e teve apenas 11,1% de aproveitamento, num universo de 63 alunos do 9º ano avaliados. A questão partiu da leitura da letra da música “Índios”, de Renato Russo.

O Gráfico 1, a seguir, mostra o desempenho médio de todos os alunos em cada uma das 20 questões da prova aplicada:

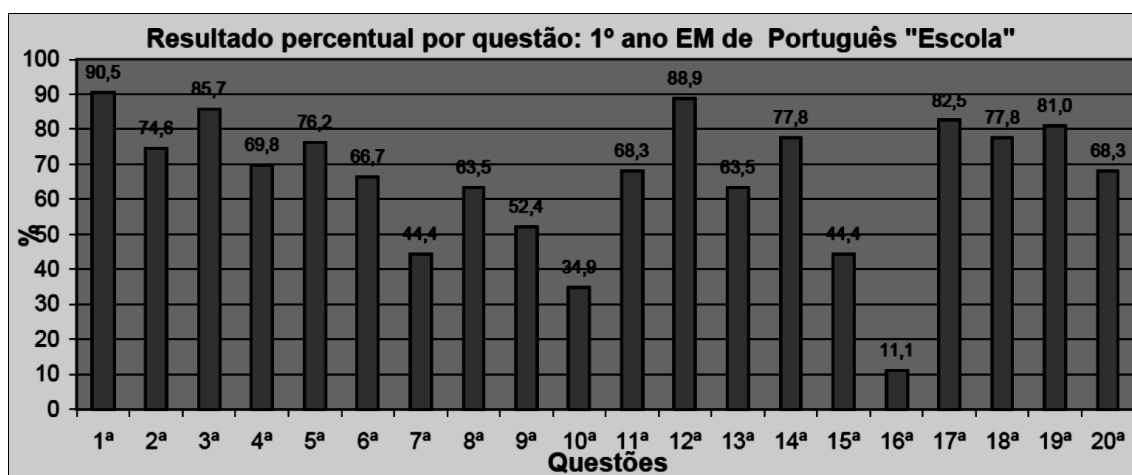


Gráfico 1: Desempenho dos alunos por questão.

Observando o gráfico é possível perceber que, das 20 questões, apenas 4 tiveram desempenho médio geral da escola abaixo de 50%: itens 7, 10, 15 e 16. Também é possível identificar itens com desempenho acima de 80%, em média: 1, 3, 12, 17 e 19.

Porém, ao se verificar o desempenho do item (16), o mais baixo, em cada uma das turmas, teremos 6,5% na turma A, ou seja, apenas 2 alunos acertaram e 15,6% na turma B, isto é, 5 alunos acertaram.

O cruzamento de dados feito pela aluna pesquisadora de AVA01 consiste em considerar os alunos individualmente em cada uma das duas turmas cujo desempenho total na prova foi inferior a 50%. Tais dados são expressos na tabela 1 a seguir:

AVALIAÇÃO DE PORTUGUÊS		Escola: EE Ismael Brasil		Turno:		Sala:																	
Português																							
N.º	Nome aluno	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	14ª	15ª	16ª	17ª	18ª	19ª	20ª	%	Nota
1	Thiago Fernandes	c	a	b	d	d	b	a	d	c	a	c	b	c	a	c	d	d	d	b	a		
		1	1	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	1	1	0	50	10
3	Hdsedam fernandes	c	a	b	a	d	b	b	d	c	b	a	c	a	d	d	b	d	c	b	b		
		1	1	1	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	50	10
24	Marina Mara	b	d	d	b	d	b	a	c	d	b	b	b	a	b	d	c	d	d	b	d		
		0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	0	50	10

Tabela 1: Alunos Turma A com desempenho igual ou inferior a 50%

A primeira linha da tabela informa o número da questão da prova. Nas linhas inferiores, sempre em pares, a de cima, em frente ao nome do aluno, está a letra que esse aluno marcou no gabarito da prova. Na linha de baixo, o programa atribui 1 para os itens que aluno acertou, com base no gabarito oficial, e 0, para o caso de erro. Ao final dessa linha há duas células, a primeira com a porcentagem de acertos daquele aluno e a segunda, com o número de questões que ele acertou em 20. Assim segue-se até o final da turma. Aqui foram compilados apenas os casos de interesse na pesquisa.

Note-se que, nessa turma, apenas três alunos estão nessa marca e, no caso, os três erraram o item de nº 16.

A Tabela 2, a seguir, traz a situação similar observada na turma B:

AVALIAÇÃO DE PORTUGUÊS		Escola: EE Ismael Brasil																			Turno:		Sala:	
Português																								
N.º	Nome aluno	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	14ª	15ª	16ª	17ª	18ª	19ª	20ª	%	Nota	
1	Alessandra Fernandes	c	b	b	a	d	b	b	d	b	b	d	b	c	b	a	d	a	c	b	d	40	8	
		1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0			
16	Alessandro	c	b	d	b	a	b	b	b	c	b	b	c	b	d	d	b	b	b	b	c	50	10	
		1	0	0	1	1	1	0	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0			
22	Maira	b	d	b	d	a	d	a	a	c	d	a	b	a	a	b	a	d	a	b	d	35	7	
		0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0			
23	Willer	b	a	c	d	a	b	b	c	a	c	b	b	c	c	d	b	d	d	b	c	50	10	
		0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	1	1	1	0			
24	Patricia	b	b	b	b	d	b	a	a	c	c	c	b	a	b	a	d	d	c	b	b	45	9	
		0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	0	1	1			
25	Michel	b	a	b	b	c	d	b	d	a	c	b	b	c	b	c	b	d	d	c	a	45	9	
		0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0			
30	Mario	c	b	b	a	d	b	d	d	c	c	b	b	a	a	c	d	d	c	a	c	40	8	
		1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0			

Tabela 2: Alunos Turma B com desempenho igual ou inferior a 50%

Como se pode ver, nessa turma houve mais alunos com desempenho médio igual ou abaixo dos 50% da prova. A diferença entre as turmas A e B, contudo, conforme se vê na Tabela 2, acima, é que na B, um dos 7 alunos de baixo desempenho (35% da prova) acertou o item de nº 16.

Como AVA01 está em andamento, espera-se encontrar evidências da natureza das dificuldades dos alunos em compreender os textos da avaliação, diagnosticando quais são as habilidades mais deficientes dos alunos que tiveram desempenho global abaixo de cinquenta por cento, uma vez que o déficit em uma determinada habilidade mostrada no desempenho geral da sala não reflete, necessariamente, a dificuldade de um grupo de alunos com desempenhos semelhantes.

4.2 O projeto AVA02

O Projeto *Práticas de avaliação da aprendizagem: caminhos e descaminhos* (AVA02) baseia-se em na Avaliação Diagnóstica aplicada na escola estadual Gabriel Penha, situada em Varginha-MG. Essa avaliação, com base na Matriz de Referência das Habilidade de Leitura do SIMAVE, foi elaborada pelos professores da escola, também durante um curso de formação continuada. Esse curso trabalhava modelos alternativos de avaliações que priorizassem o ensino das habilidades e competências por meio do uso de descritores. Foram avaliados 105 alunos, distribuídos em 4 turmas da 7ª série (8º ano) do Ensino Fundamental.

A pesquisa, de base qualitativa observa nas avaliações selecionadas como as habilidades leitoras estão sendo trabalhadas. Os itens das habilidades e seus descritores que interessam à aluna pesquisadora, particularmente, são voltados para compreensão global, produção de inferências e identificação de elementos encadeadores do sentido entre partes do texto.

Seu objetivo é mapear quais os descritores são mais utilizados, e como isso favoreceria o diagnóstico das principais falhas na construção da competência leitora.

A avaliação, objeto de análise, é composta de 20 itens de leitura, que buscam medir diferentes habilidades leitoras e, junto delas, o relatório de desempenho dos alunos com tabelas e gráficos que mostram o desempenho geral de cada turma e o de cada aluno individualmente.

O material analisado trata das questões (itens da prova) que trabalham com o aspectos da Leitura: compreensão e análise linguística. A partir dos resultados obtidos pelos alunos na Avaliação Diagnóstica tenta-se verificar em quais descritores os alunos vêm apresentando maior dificuldade, ou seja, qual deles está sendo trabalhado de forma ineficaz, impedindo assim o desenvolvimento de habilidades para a construção da competência leitora.

O gráfico 2, a seguir, mostra o desempenho geral da escola e os itens considerados abaixo da média, isto é, abaixo de 50%:

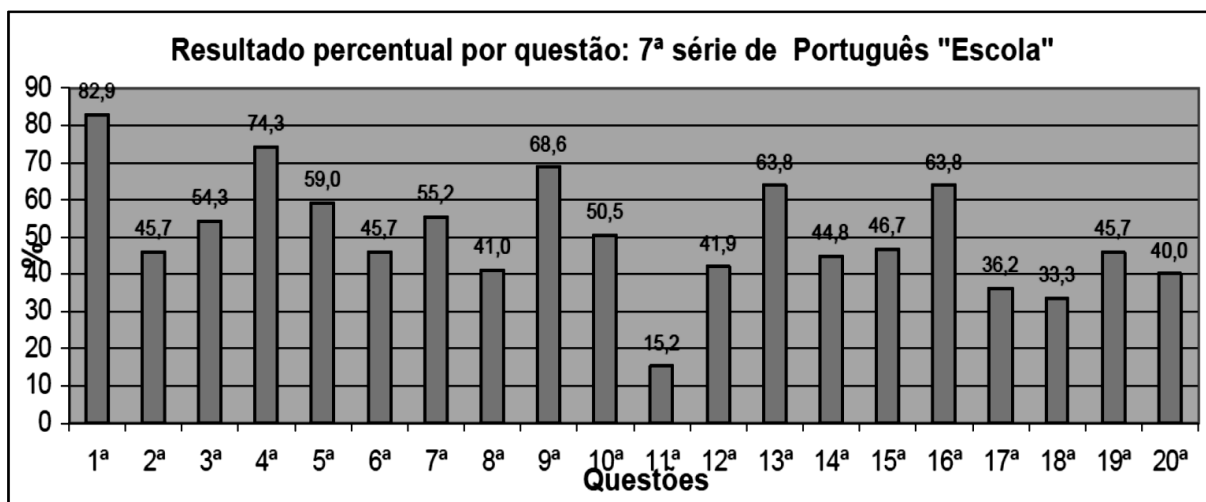


Gráfico 2: Desempenho médio dos alunos por questão.

Como se vê, os itens 2, 6, 8, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19 e 20 estão abaixo dos 50% de aproveitamento na média das 4 turmas avaliadas, ou seja 55% dos itens da prova.

O que a aluna pesquisadora busca compreender é se esse comportamento geral se repete nas 4 turmas, isto é, se os mesmos itens com desempenho abaixo de 50% apresentados no gráfico 2 mantêm o desempenho nos gráficos 3, 4, 5 e 6 a seguir:

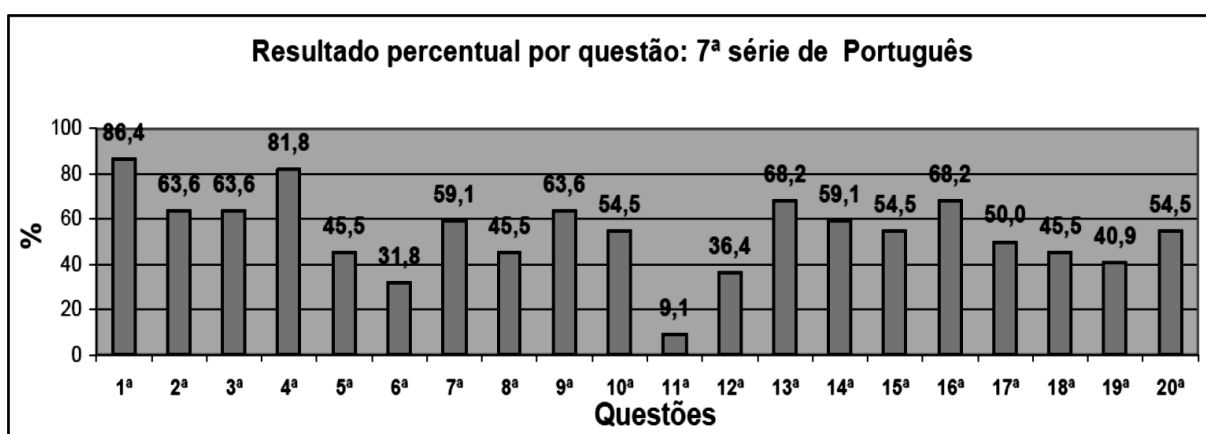


Gráfico 3: Desempenho da Turma A (22 alunos)

Um dos aspectos curiosos que se pode observar na comparação do gráfico 3 com o gráfico 2 é que apenas 6 dos itens de baixo desempenho na média geral se repetem aqui. Além disso, a questão nº 5, que nas demais turmas obteve desempenho acima da média, na turma A ficou com 45,5%. Esse é um indício de que, nem sempre uma habilidade considerada não adquirida por uma série escolar é um resultado que vale para toda a escola.

O gráfico 4, a seguir, trata do desempenho dos alunos da turma B:

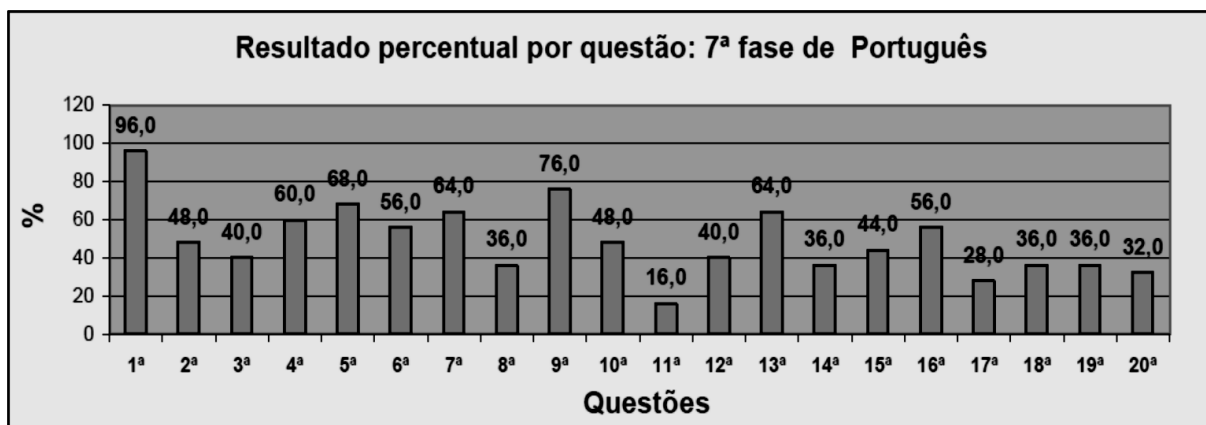


Gráfico 4: Desempenho da Turma B (25 alunos)

Nesse gráfico, observa-se que apenas um item, o n° 6, ficou acima do 50%, quando comparado à média da escola (gráfico 2). Além dos demais, também apresentaram baixo desempenho nessa classe, os itens 3 e 10.

Agora vejamos o gráfico 5, relativo à turma C:

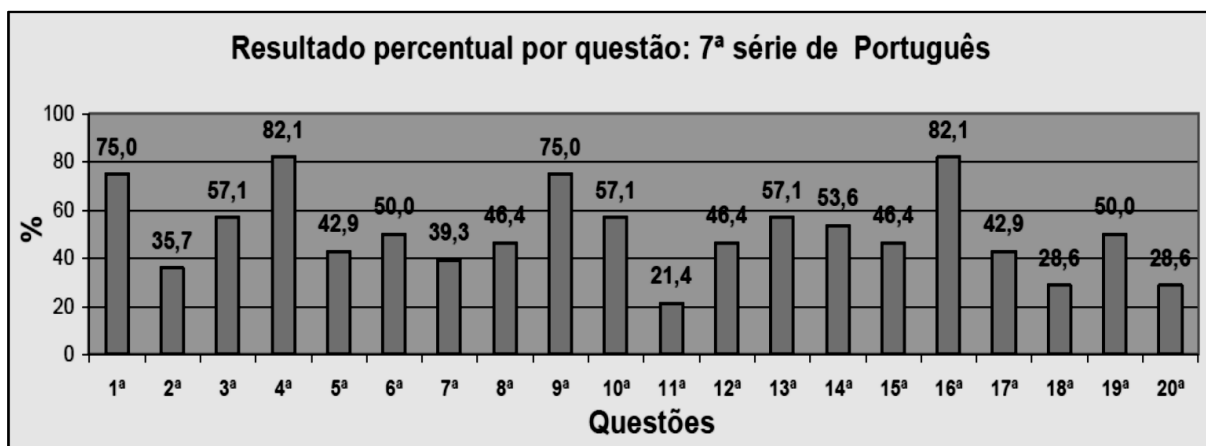


Gráfico 5: Desempenho da Turma C (28 alunos)

Nessa turma apenas 3 dos itens gerais (gráfico 2) ficaram acima da média. Em contrapartida, também tiveram desempenho insatisfatório os itens 5 e 7.

Para concluir a análise do desempenho em AVA02, o gráfico 6, a seguir, mostra o comportamento da turma D:

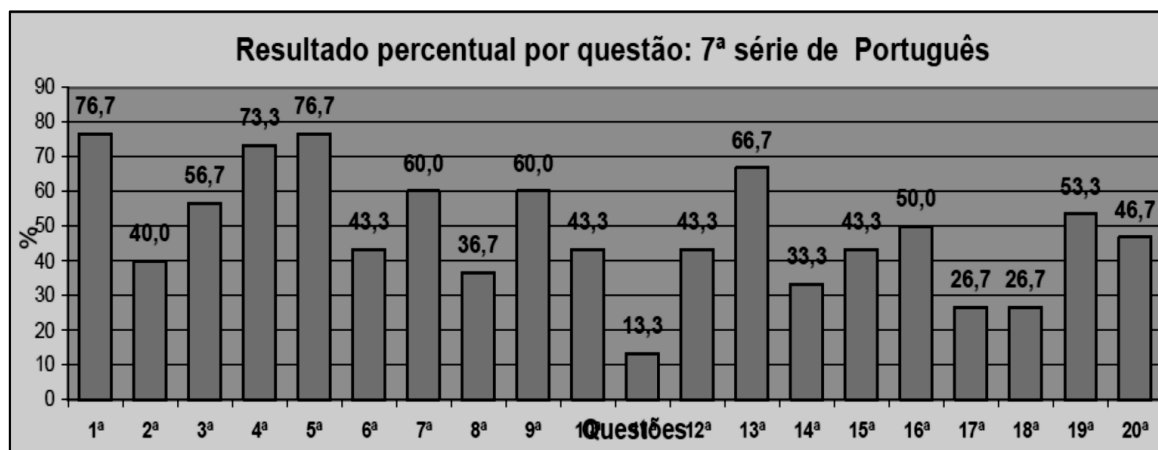


Gráfico 6: Desempenho da Turma D (30 alunos)

No gráfico 6, como se pode verificar, apenas o item 19 difere do comportamento geral da escola e ainda se acrescenta o item 10, com 43,3% de aproveitamento médio na classe.

Porém, como demonstra o estudo de AVA02, os únicos itens, cujo desempenho foi inferior a 50% em **todas** as turmas avaliadas foram os de nº 8, 11, 12 e 18. Desse modo, merecem atenção especial, apenas 20% dos itens e não 55% conforme nos fez acreditar o gráfico 2, apresentado anteriormente. A Tabela 3, a seguir, nos ajuda a compreender melhor isso:

TURMAS	ITENS COM DESEMPENHO ABAIXO DE 50% NA MÉDIA DA ESCOLA										
	2	6	8	11	12	14	15	17	18	19	20
A		31,8	45,5	9,1	36,4				45,5	40,9	
B	48,4		36	16	40	36	44	28	36	36	32
C	35,7		46,4	21,4	46,4		46,4	42,9	28,6		28,6
D	40	43,3	36,7	13,3	43,3	33,3	43,3	26,7	26,7		46,7

TABELA 3: Itens com baixo rendimento nas 4 turmas

A título de ilustração, apenas, se seguir apresentamos o item 11 que teve o menor desempenho nas 4 turmas avaliadas. Trata-se de uma questão feita a partir de um texto de divulgação científica sobre o consumo consciente de água. Tal questão avalia a capacidade de se estabelecer relações lógico-discursivas, baseadas nos operadores referenciais e/ou argumentativos, recuperando informações ou elementos textuais anteriores:

- 11) A expressão "**assim também**", no segundo parágrafo do texto, está se referindo a:
- a) () dependendo da maneira como se consome.
 - b) () gastar muita ou pouca água.
 - c) () olhando com cuidado.
 - d) () ser consumidor consciente.

Figura 2: Item de relações lógico-discursivas

Na pesquisa de AVA02 espera-se encontrar evidências da eficácia na utilização de modelos avaliativos alternativos, baseados nas Matrizes de Referência do SIMAVE. Assim, a Avaliação Diagnóstica, pode ser instrumento que comprova a necessidade de mudança por parte das escolas e professores no sentido da evolução das aprendizagens e da construção da competência leitora.

4.3 O projeto ALFA3

O Projeto *Marcas da oralidade em produções textuais de alunos do ensino médio: evidências das relações entre alfabetização, letramento e leitura?* (ALFA3), Compõe um corpus de 28 produções textuais coletadas em aulas de redação lecionadas na Escola Estadual Dr. Emílio da Silveira, em Alfenas, pelos bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), da Unifal-MG, em salas de primeiro e segundo anos do Ensino Médio, nos meses de dezembro de 2011 e janeiro de 2012.

As redações foram coletadas, lidas e corrigidas pelos próprios bolsistas do PIBID, seguindo os parâmetros de correção comuns (coerência, coesão, pontuação, ortografia, etc.). Começou-se, então, uma análise global dos desvios encontrados na escrita desses alunos e, verificando a maior incidência da ausência dos marcadores de plural em algumas estruturas

sintáticas, percebeu-se tratar de possíveis marcas de oralidade dos alunos produtores dos textos.

Em março de 2010, a Escola Estadual Dr. Emílio da Silveira passou a ser parceira do PIBID, da UNIFAL-MG. Essa escola comportava, à época, oito salas de 1º ano no turno vespertino e cinco de 2º ano no turno matutino, ambos do Ensino Médio. Os alunos das turmas cujas professoras de Língua Portuguesa são supervisoras do PIBID puderam contar com o auxílio de bolsistas para o acompanhamento das produções textuais. Desta forma, semanalmente tais alunos elaboravam textos que abordavam temas pertinentes à faixa etária da maioria deles, de tipologia textual variada.

Na escola havia aproximadamente 30 turmas apenas de Ensino Médio, com aproximadamente 40 alunos por turma. As aulas ministradas pelos bolsistas do PIBID eram dadas para os alunos de primeiro e segundo anos, já que para os terceiros anos eram oferecidas oficinas de redação, no contra turno, específicas para os interessados nas futuras provas de ENEM e vestibulares.

As últimas propostas de redação levadas para a sala de aula foram a de produção de crônica, para os primeiros anos, em dezembro de 2011, e a de dissertação sobre o hábito alimentar dos brasileiros, para os segundos anos, em janeiro de 2012, e, na pesquisa ALFA3, tornaram-se objeto de estudo.

A grande incidência de marcas da oralidade na escrita motivou a busca de dados que pudessem explicar as prováveis causas de tais ocorrências.

Os registros foram organizados de acordo com presença ou ausência dos marcadores de plural e estão sendo agrupados por subtópicos (ausência e/ou presença do marcador de plural no verbo, presença de marcador de plural apenas no primeiro elemento da estrutura, presença de marcador apenas no último elemento da estrutura e presença e/ou ausência de marcador de plural no elemento do meio da estrutura).

A contagem inicial dos “desvios” sugere algumas razões para a ocorrência do fenômeno, mas ainda será necessário o cruzamento e a tabulação dos dados, para uma descrição mais detalhada que sustente uma explicação das possíveis causas dos desvios mais recorrentes.

Nas 28 produções textuais que constituem o *corpus* de ALFA3 foram encontrados 60 desvios que estão divididos conforme mostra a tabela 4 a seguir:

25 com ausência de marcação de plural no verbo, sendo
5 em verbo anteposto ao sujeito;
11 em verbo posposto ao sujeito;
2 em verbo entre sintagmas nominais;
8 em verbo distante de seu sujeito;
8 com hipercorreção;
19 com marcação de plural apenas no(s) primeiro(s) elemento(s);
6 com marcação de plural apenas no(s) último(s) elemento(s);
2 com presença ou ausência de marcação de plural no elemento do meio.

Tabela 4: Natureza dos desvios mais recorrentes nas produções

Para que se possa ter uma noção mais clara dos desvios apresentados na tabela 4, acima, apresentamos uma das redações analisadas em que algumas das ocorrências mais frequentes tornam-se evidentes, conforme se poderá ver na figura 3 a seguir:

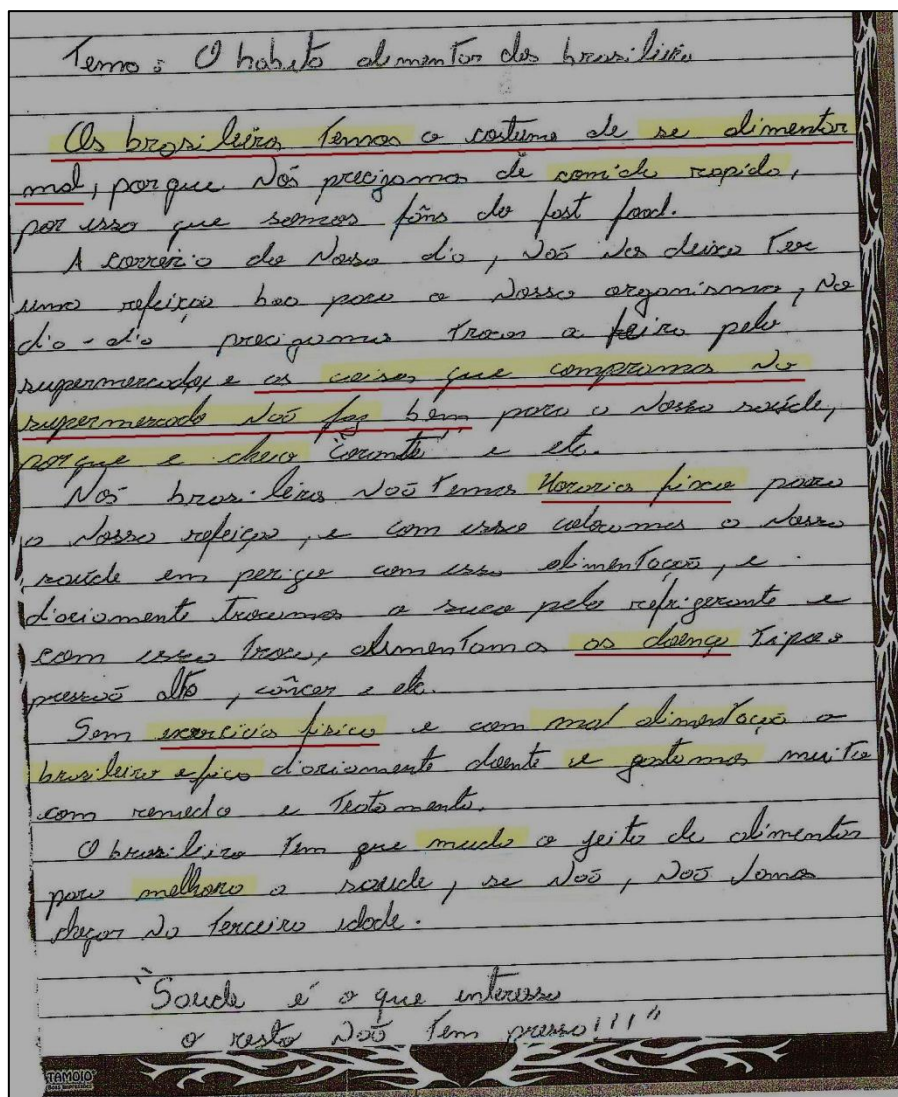


Figura 3: redação de aluno do ensino médio

A pesquisa ALFA3 busca encontrar evidências do que levaria os alunos a cometerem esses equívocos e assim levantar hipóteses sobre o que pode ser feito, do ponto de vista pedagógico, para essas ocorrências diminuírem.

Os resultados poderão fornecer subsídios para verificar em estudos futuros como a escola tem ensinado a norma culta e se essa seria a melhor e mais eficiente forma de fazê-lo. Há que se descobrir o motivo que leva os alunos a não conseguirem separar a linguagem que usam em seu dia-a-dia da que deve ser usada em suas produções textuais escolares.

4.4 O projeto ALFA4

O Projeto *Música nos processos de alfabetização e letramento de jovens e adultos* (ALFA4) está baseado em análise documental. A aluna pesquisadora está analisando o plano de ensino e os relatos escritos da professora alfabetizadora com os resultados da tentativa de incluir música às aulas de alfabetização em uma turma de jovens e adultos. Tais relatos da contêm suas propostas para a aula, seus objetivos, e seus resultados em um período de aproximadamente 5 meses. A base da pesquisa é qualitativa e busca-se descrever e compreender como a estratégia pedagógica foi recebida pelos alunos, e como eles se sentiram na aula, e se as atividades puderam ser concluídas de acordo com as expectativas da professora.

O objetivo final da pesquisa ALFA4 é fornecer informações para se otimizar os métodos existentes tornando-os agradáveis e mais eficazes, à medida que aproximam o cotidiano dos alunos às práticas pedagógicas.

Os dados deste projeto foram obtidos a partir dos relatórios escritos de uma professora de alfabetização e letramento de jovens e adultos que tem buscado incluir música nos processos de ensino-aprendizagem, preparando atividades que relacionem músicas que os alunos relatam apreciar com os métodos eficazes já existentes.

A turma de alunos fica numa associação beneficente chamada Centro de Convivência, que presta assistência a várias necessidades sociais. Dentre as atividades da instituição está o curso de Alfabetização para jovens e adultos. A turma que originou os relatos da professora, objeto do trabalho ALFA4 tem oito alunos matriculados, embora a frequência seja bastante flutuante.

Baseando-se nos relatórios da professora a análise quer verificar o quanto a proposta foi capaz de otimizar métodos.

Analisando os relatos prévios da professora de EJA que aplicou a estratégia pedagógica, tem-se percebido que a música favorece, além dos aspectos linguísticos, outros aspectos, como confiança, autoestima, que também auxiliam na aprendizagem. Percebe-se também que o ambiente das aulas melhora com a música, a monotonia e a formalidade são quebradas; o material utilizado, por ser significativo ao aluno, faz com que as atividades realizadas sejam, conseqüentemente, contextualizadas, resultando em maior envolvimento dos alunos; pela riqueza da música em si, há facilidade no desenvolvimento de atividades, e então possibilidade de se realizar atividades diferenciadas, atendendo as dificuldades específicas de cada aluno, possibilitando maior intervenção do professor em casos específicos.

5. Conclusões:

Nossa análise nos autoriza afirmar que as pesquisas em desenvolvimento pelas alunas do curso de Letras da Unifal-MG, no âmbito do Prodocência, tem sido bastante satisfatórias, se levarmos em conta que todos os trabalhos buscam descrever novas formas de ensinar a leitura e garantir a proficiência leitora dos alunos, seja na EJA, no ensino fundamental ou médio.

Nosso estudo demonstra que o baixo desempenho dos alunos está, na maioria das vezes, relacionado a habilidades de leitura e/ou produção textual ainda pouco trabalhadas pelos professores em classe, tanto no ensino, isto é, nas suas atividades cotidianas da sala de aula quanto na avaliação que, tradicionalmente, distancia-se do modelo de diagnóstico.

Também favorecem o baixo desempenho, segundo demonstraram os estudos em análise, as questões que buscam verificar o grau de consolidação de habilidades mais complexas, o que, por sua vez, exigirá um trabalho mais minucioso e especializado por parte do professor junto aos alunos com dificuldades. Nesse pormenor, a introdução da música nas atividades de leitura em classe pode ser um aliado valioso, como demonstrou o estudo ALFA4. Como se pode perceber, tais questões reforçam a carência dos alunos nas habilidades mais complexas e também as que tradicionalmente são menos trabalhadas em sala de aula, pelos professores.

Parece bastante plausível, apesar de os resultados dos projetos de pesquisa serem ainda parciais, que boa parte dos estudantes envolvidos nas atividades de leitura e de escrita demonstraram mais facilidade em itens de redação simples ou naqueles cujas habilidades verificadas são menos complexas, ou são consolidadas já nos primeiros anos do ensino fundamental. Isso pode sugerir que talvez algumas habilidades são demasiadamente trabalhadas na interpretação e na produção dos textos, em detrimento de outras mais

complexas. Ainda assim, conforme demonstrou um dos estudos, há grupos de alunos que apresentaram dificuldade em itens que não são problemáticos para a maioria dos alunos de uma escola. Há que se estudar com maior detalhamento esses dados para se obter uma posição conclusiva.

O que pode, então concluir, é que o Prodocência está proporcionando a oportunidade de os alunos graduandos em Letras, compreendam melhor o fenômeno do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita. Parece plausível sustentar que, a partir da experiência com a pesquisa, nossos universitários percebem a responsabilidade que carregam, na qualidade de docentes, pelo desenvolvimento da leitura em todos os níveis de ensino (séries).

Nossas conclusões apontam ainda para (e reforçam) a necessidade de formação inicial de alta qualidade e também a continuada, para que os professores tenham condições de garantir aos alunos a aquisição, o desenvolvimento e a consolidação das habilidades de leitura escrita, construindo assim a competência linguística.

6. Referências Bibliográficas:

CARVALHO, Robson. **Avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental: construindo a competência leitora.** In: LEON, I. O. R. et al. (Orgs.) Formação continuada para professores da educação básica: contribuições para a prática docente. Alfenas, MG: Unifal-MG, 2011.

CASTILLO ARREDONDO, SANTIAGO; Diago, Jesús Cabrerizo. *Avaliação Educacional e Promoção Escolar.* Editora: Ibplex, 2009.

FERREIRA, Martins. *Como usar música na sala de aula.* São Paulo, Contexto, 2007. 7.ed.

FERREIRA, Rosiane Socorro Figueiredo. *Desvio Linguístico X Norma Padrão.* 2010.

FERREIRO, E. *Com todas as letras.* São Paulo: Cortez, 2010. 16.ed.

KLEIMAN, A. Ação e **Mudança em Sala de Aula: uma pesquisa sobre letramento e interação,** In: KLEIMAN, A. & SIGNORINI, I. *O Ensino e a Formação de Professores.* Porto Alegre: Artes Médicas sul, 2000.

KLEIMAN, A. B. **Avaliando a Compreensão: Letramento e discursividade nos testes de leitura.** In: RIBEIRO, V. M. (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001.* São Paulo: Global, 2003.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. **A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino.** In: ROCHA, Gladys; COSTA VAL, Maria da Graça (Org.) *Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor.* Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

LUCKESI, C. C. (1995) *Avaliação da aprendizagem escolar.* São Paulo: Cortez.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico.* São Paulo: Cortez, 2011.

LÚZIO, Ellen Regina Camargo. RODRIGUES, Marlon Leal. *Marcas da oralidade em textos escritos.* Disponível em <<http://www.cepad.net.br/linguisticaealinguagem>>

MARCUSCHI, E. (2001). **Os destinos da Avaliação no Manual do Professor**, in: DIONISIO, A. P & BEZERRA, M. A. (Orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MELO E XAVIER (2009)

ROJO, R. (org.) *Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2008. 5.ed.

_____. *Letramento: Um tema em três Gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009. 3.ed.